

REUNIDOS EM NOME DO SANTO: O PAPEL SOCIAL DAS FESTAS DO SANTO PADROEIRO NOS BAIRROS RURAIS PAULISTAS

Clara Cristine Almeida dos Santos, Ana Enedi Prince.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000- São José dos Campos-SP, Brasil, claracristinealmeida@gmail.com, prince@univap.br.

Resumo

O artigo analisa como as festas de padroeiro, centrais na definição dos bairros rurais paulistas, contribuem para a construção do sentimento de pertencimento de bairro e da região. A análise fundamenta-se em referenciais teóricos, especialmente nos estudos de Antônio Cândido e Maria Isaura Pereira de Queiroz, que apontam a centralidade da religião e da cooperação comunitária na constituição desses agrupamentos. A análise bibliográfica evidencia que a participação nessas festividades vai além da devoção, constituindo-se como elemento de reconhecimento social e de legitimação da vida no bairro. Desse modo, a religiosidade e a organização social se revelam dimensões indissociáveis, fazendo com que a continuidade da festa garanta também a permanência do próprio bairro rural tradicional.

Palavras-chave: Cultura-caipira; festas religiosas; catolicismo popular.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, História

Introdução

No livro *Bairros rurais paulistas*, publicado em 1973, a socióloga Maria Isaura de Queiroz estuda a formação e organização social nos bairros de áreas rurais de algumas cidades do interior de São Paulo. A autora define o bairro rural como “unidade mínima de povoamento”, no qual pode ser descrito como “um “*habitat*” disperso centralizado por pequeno núcleo de habitações em torno da capela, - e pelos vínculos sociais que unem seus membros” (QUEIROZ, 1973, p. 133). Em seus estudos, a autora utiliza-se das pesquisas realizadas por Antônio Cândido que, entre as décadas de 1940 e 1950, analisou a cultura caipira em São Paulo por meio de pesquisas em um agrupamento rural no município de Bofete, antigo Rio Bonito. O bairro rural na cultura caipira paulista é definido por Antônio Cândido (2023), como um “agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais”.

Ambos os autores concordam que a formação do bairro se estende para além de uma definição meramente territorial ou geográfica, pois tem suas definições pautadas na cooperação entre a comunidade que se reconhece como pertencente aquele território ao participar das festividades religiosas. Antônio Cândido (2023, p. 87) aponta a existência do *sentimento de localidade* presente no bairro, no qual seus moradores “têm consciência de pertencer” e assumem as responsabilidades das atividades da vida grupal. A pesquisadora Maria de Souza Queiroz (1973, p. 14), aprofunda o debate de Cândido ao observar como os “os habitantes de um bairro conhecem e pertencem a ele, sentem-se ligados, pleiteiam benefícios e vantagens em seu nome”, evidenciando que o bairro se constrói tanto pela vivência coletiva quanto pela reivindicação e defesa de seus interesses comuns.

O presente artigo tem como objetivo analisar de que maneira a participação nas festividades religiosas, apontadas por ambos os autores como elemento central na definição do bairro rural, contribui para a construção do sentimento de pertencimento dos moradores em relação ao território. Busca-se compreender como essas celebrações, para além de seu caráter religioso, configuram-se como práticas coletivas que fortalecem os laços de vizinhança, reafirmam identidades locais e consolidam a vida comunitária no contexto da cultura caipira paulista.

Metodologia

Este artigo fundamenta-se em uma metodologia de caráter qualitativo, baseada exclusivamente em pesquisa bibliográfica. A análise foi construída a partir da leitura, interpretação e articulação de referenciais teóricos que discutem a cultura caipira, os bairros rurais paulistas e as festas de padroeiro, com destaque para os referenciais bibliográficos como Antonio Candido, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Carlos Rodrigues Brandão. O objetivo metodológico é compreender, a partir do diálogo entre esses autores, como as práticas festivas religiosas contribuem para a formação, manutenção e identidade dos bairros na cultura caipira.

Resultados

Os bairros rurais paulistas possuem em seu núcleo central uma capela, no qual a comunidade se reúne para atividades religiosas ou culturais. A principal atividade exercida na capela é a festa do santo padroeiro, um evento anual que é considerado, por Queiroz (1973, p. 4), como o momento mais importante de reunião social da comunidade, pois é na festa do padroeiro que “se afirma a personalidade do bairro, em relação aos bairros vizinhos”. A antropóloga Alba Zaluar observa a presença da devoção aos santos no território brasileiro ao definir que “qualquer localidade permanente, fosse freguesia, povoado ou cidade, tinha seu santo padroeiro” (1983, p. 61). A escolha do santo padroeiro pode acontecer por diversos modos, dentre os mais comuns listados estão o encontro da imagem do santo, sua aparição ou um milagre a ele associado que tenha ocorrido naquela região. Independentemente de como ocorre essa associação ao santo, ele passa ser o símbolo de coletividade e de proteção daquelas pessoas, de modo que seu “auxílio” pode ser invocado para todas as situações que estão além do controle humano. Segundo a autora, os moradores estabelecem uma relação de reciprocidade com o santo padroeiro, no qual ela define como “uma relação em que havia uma série de prestações e contraprestações socialmente estipuladas” (ZALUAR, 1983, p. 58-62). Dentre essas prestações, se encontra a festa anual em devoção ao santo padroeiro.

As festividades de padroeiro seguem uma estrutura base de organização, que segundo Queiroz (1968, p. 110-112), inicia com a escolha do festeiro responsável pela organização da festividade do ano seguinte. O festeiro é o responsável por toda a articulação da festividade, mas não o faz sozinho, visto que a organização da festa é coletiva e a comunidade participa de todo o processo. Entretanto, cabe ao festeiro garantir a eficácia da festa, se comunicar com a paróquia e avisar ao padre sobre os dias da festividade e horários da missa, recolher as prendas e as doações, organizar a programação, convidar os músicos, preparar a comida a ser distribuída e liderar todo esse processo de organização e realização da festa. Além do festeiro, muitos dos participantes da organização das festividades são pessoas que fizeram uma *promessa* ao santo e que deve ser cumprida. Segundo Zaluar (1983, p. 89-94), as promessas são um “contrato” de reciprocidade com um santo, no qual se pede algo e ao ter seu pedido atendido, o promesseiro deve cumprir com o acordo feito com o santo. Um fator interessante a ser observado é a realização coletiva da promessa feita individualmente, visto que muitas promessas envolvem uma festa, missa, terço, dança ou reza para o santo, ações essas que são realizadas coletivamente. Segundo a autora, essa característica de coletividade no pagamento das promessas, compre não apenas um papel de aproximação do indivíduo com o santo, mas também o “aproximando dos semelhantes e reforçando os laços que os uniam aos que faziam parte da rede de suas relações” (ZALUAR, 1983, p. 95).

Entretanto, apenas a participação na festa do santo padroeiro não garante ao indivíduo o pertencimento ao bairro, visto que a aceitação como membro da comunidade envolve uma rede mais ampla de relações cotidianas e de cooperação recíproca. Como aponta Queiroz (1973, p. 75), essa inserção comunitária se constrói não somente nas práticas religiosas, mas também na atuação conjunta em dimensões políticas, econômicas e culturais. Desse modo, a festa pode ser compreendida como um momento privilegiado de visibilidade das relações sociais que já estão em curso, mas não atua isoladamente na definição do pertencimento. Ela funciona como um elo simbólico que reforça laços existentes, ao mesmo tempo em que evidencia a necessidade de uma participação contínua nas diferentes esferas da vida comunitária para que o indivíduo seja reconhecido como parte legítima do bairro.

Discussão

Queiroz (1973) afirma que “o ritmo da vida grupal é dado pela religião”. Segundo a pesquisadora, a coletividade por meio da religião não envolve apenas a organização da festa do padroeiro ou das

atividades religiosas no bairro, pois a religiosidade é responsável também pela ligação com o exterior. A autora observa que:

Por outro lado, como os habitantes frequentam festas de outros bairros, ela concorre também para fomentar a união entre diversos bairros. O fato de comparecerem a cerimônias religiosas na sede do município, a centros como Aparecida no Norte, etc., contribui para dar-lhes o sentimento de pertencerem ao bairro, mostrando-lhes a localidade em que se situam e as peculiaridades de seu grupo de vizinhança; mas também indica que o bairro pertence a algo de mais amplo de que o município - a uma região. A religião reforça a solidariedade interna do bairro, mas serve também para quebrar-lhe o isolamento, ligando-o com uma sociedade mais vasta que o engloba. (QUEIROZ, 1973, p. 64-65).

Conclui-se, portanto, que as festas religiosas não são fechadas e restritas apenas a participação dos membros do bairro, pois sua realização é comunicada aos bairros exteriores de forma a permitir a presença de outros integrantes. Esses *visitantes* participam da festividade do bairro seja por terem familiares ou amigos que são moradores, ou, seja pela devoção ao santo padroeiro. Desse modo, a participação na festividade não é exclusiva apenas dos integrantes bairros, mas estende-se para o município, mesmo que em menor escala de participação. (QUEIROZ, 1973, p. 65)

A própria realização da festa religiosa apenas é possível por meio da contribuição dos integrantes do bairro, que ao se reunirem assumem e se comprometem com responsabilidades e deveres para a realização da festividade. Segundo Queiroz (1973, p. 133), são essas responsabilidades coletivas que possibilitam a realização anual da festividade, entretanto, quando a população renuncia a suas obrigações, a festividade deixa de acontecer e “o bairro, entra em decadência, como bairro”. Isso tende a acontecer pois a religião é o elo fundamental para a organização social rural, sendo interdependente um do outro. Queiroz analisa que:

Desse modo, não apenas o catolicismo rústico brasileiro se constituiu segundo as necessidades do bairro rural tradicional, como também a ele está associado de maneira profunda, não sobrevivente se por acaso o bairro rural desaparece. Por outro lado, se algo ameaça o catolicismo rústico, ameaça também por sua vez ao bairro rural tradicional, pois o catolicismo rústico é um dos fatores e dos reforços de sua coesão interna. Profundamente religiosos, catolicismo rústico e bairro rural tradicional vivem a mesma vida e morrem da mesma morte. (QUEIROZ, 1983, p. 120)

O catolicismo rústico brasileiro no qual Queiroz se refere, é o que muitos autores vão chamar de *catolicismo popular rural*, caracterizado por uma maior autonomia da comunidade em relação as práticas religiosas. Segundo a antropóloga Alba Zaluar (1983, p. 107), o termo popular é uma expressão usada por pesquisadores para se referir ao distanciamento das práticas religiosas da “igreja do povo” e da “igreja dos padres”, estendendo-se também para as práticas culturais realizadas pelas massas e as práticas eruditas realizadas pelos padres e pelas elites. Em complemento, Ricardo Souza (2013, p. 5), define que “os praticantes do catolicismo popular são o conjunto de fiéis que exercem seus cultos à margem da Igreja ou com uma margem de autonomia maior ou menor em relação à instituição”, vinculando a religião a suas próprias práticas culturais. As festas religiosas encontram-se ligadas ao catolicismo popular devido a organização quase que totalmente realizada pela comunidade, com a presença do padre apenas durante a missa ou no terço (QUEIROZ, 1973, p. 63)

O catolicismo popular exerce, segundo Queiroz (1973), uma função social que é concretizada durante a festa, novenas e missas, no qual reforçam a solidariedade do grupo. Segundo a autora, além do papel social, o “seu segundo atributo é ser utilitária” (QUEIROZ, p. 1968, p. 119), garantindo que seja cumprido as relações de troca entre comunidade e santo, de modo que a realização das festividades garantiria a proteção divina do padroeiro. Desse modo, as relações de comunidade no bairro se sustentam por meio da religiosidade, enquanto a atividade religiosa depende da colaboração coletiva, fazendo que ambos sejam interdependentes. Assim, a fé não se limita ao campo espiritual, mas constitui um recurso organizador da própria vida social. Pode-se dizer, portanto, que o catolicismo rústico atua como o elo que mantém viva a coesão comunitária e dá sentido à existência do bairro rural.

Conclusão

A centralidade da festa do padroeiro revela como o catolicismo rústico se torna não apenas um elemento de fé, mas um mecanismo organizador da vida coletiva no bairro rural. A devoção ao santo funciona como eixo em torno do qual se articulam as relações sociais, pois cada família assume funções e responsabilidades que ultrapassam o âmbito religioso, reforçando laços de solidariedade, reciprocidade e pertencimento. Nesse sentido, a prática religiosa não pode ser dissociada da própria dinâmica social: ao mesmo tempo em que o bairro sustenta a realização da festa, a festa legitima e fortalece a existência do bairro. Assim, podemos constatar que o papel social das festas do Santo Padroeiro nos bairros rurais paulistas é o de fortalecimento da comunidade, preservando a sua cultura e a religiosidade, promovendo uma integração social entre os moradores por meio de eventos que incluem rituais, quermesses, e apresentações culturais, criando um sentimento de identidade e pertencimento.

Referências

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre a cultura caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 1ª ed. São Paulo: Todavia, 2023.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Bairros rurais paulistas: dinâmicas das relações bairro rural - cidade**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O catolicismo rústico no Brasil**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 5. São Paulo: USP. 1968.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal: IFRN, 2013.
- ZALUAR, Alba. **Os homens de Deus: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular**. São Paulo, Zahar Editores, 1983